

## O Acervo da Laje e as periferias insurgentes

**José Eduardo Ferreira Santos<sup>1</sup> (Acervo da Laje, Brasil)**  
ferreirasantosenator@gmail.com

- <sup>1</sup> Curador e fundador do Acervo da Laje. Graduado em pedagogia, possui mestrado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, doutorado em Saúde Pública pela Universidade Federal da Bahia. Realizou pós-doutorado em Cultura Contemporânea no Programa de pós-Graduação em PACC da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ).

## O Acervo da Laje e as periferias insurgentes

**Resumo:** O presente artigo trata das ações desenvolvidas pelo Acervo da Laje durante a pandemia do COVID-19, quando o espaço, conhecido como Casa-Museu-Escola, localizado no Subúrbio Ferroviário de Salvador teve que atuar internamente na estruturação de sua hemeroteca, biblioteca, sala de música e site, além da exposição no MAM RIO. Por fim, há reflexões sobre ações que fazem parte da história do Acervo da Laje e produções recentes que o envolvem e a memória do território.

**Palavras-chave:** Acervo da Laje, Memória, Subúrbio Ferroviário de Salvador.

## *The Acervo da Laje and the insurgent peripheries*

**Abstract:** *This paper aims to describes the actions of the House-Museum-School named Acervo da Laje, located at in the railway suburb of Salvador city, wich was carried out during the Covid-19 pandemic. In these period there was an internal restructuring, especially at its hemeroteca, its library, its music room and its website, and, in addition, there was an exhibition at MAM RIO. Finally, here there are reflections on actions that are part of the Acervo da Laje history and on recent productions that involve the memory of the territory.*

**Keywords:** *Acervo da Laje, Memory, Salvador railway suburb*

## 1. Introdução

O tema da centralidade insurgente relaciona-se com a proposta da Associação Cultural Acervo da Laje (ACAL), um espaço de memória artística, cultural e de pesquisa sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador. O objetivo do Acervo da Laje tem sido sistematizar o espaço de pesquisa e de memórias sobre as territorialidades periféricas, que, na maioria das vezes, não têm suas narrativas construídas de um modo sistemático. Aqui, pretende-se comentar algumas das iniciativas dos dois últimos anos, considerando o contexto da pandemia.

Em primeiro lugar, convém delimitar a posição de onde se fala. Trata-se do Subúrbio Ferroviário de Salvador, composto por mais de vinte e dois bairros, por mais de 500 mil pessoas, em um território marcado por vulnerabilidades, pelo estigma perene de subúrbio. O nosso trabalho tem sido provocar deslocamentos internos dentro da cidade, dentro do Brasil, visando afirmar que o território da periferia também possui potencialidades. Suas dinâmicas precisam ser conhecidas, para além daquelas que são noticiadas na mídia — como se a única característica do território da periferia fosse a violência. Há muito mais elementos que passam despercebidos aos olhos de muitos.

Nos dois últimos anos, em virtude da pandemia, o Acervo da Laje deteve o olhar para si, refletindo sobre sua existência e sobre sua essência. No total, são onze anos de trabalho e duas casas, que guardam a memória artística, estética e cultural desses territórios. Nosso enfoque recente tem sido em iniciativas que evidenciem as ações realizadas, desde a criação do projeto. O site Acervo da Laje<sup>1</sup> é uma delas. Nele estão organizadas muitas obras, presentes fisicamente na ACAL, mas que ainda não haviam sido catalogadas. A importância dessas obras consiste em publicizar outras narrativas sobre o território. Por esse motivo, o site Acervo da Laje foi extremamente relevante para a divulgação da nossa cidade e do nosso território.

## 2. A beleza do subúrbio

Um dos nossos primeiros projetos foi empreendido em 2013, mas só agora veio a público. Trata-se de um trabalho de fotografia, realizado com crianças. Essa coleção de fotografias digitais resulta da exposição temporária intitulada *A beleza do subúrbio*, realizada com alunos de São João do Cabrito e de Itacaranha. Pela primeira vez, desenvolvemos os conceitos de periferia-e-memória, periferia-e-beleza, território-e-vida, território-e-lembração. As crianças e os adolescentes desses dois bairros do subúrbio foram provocados

1 [www.acervodalaje.com.br](http://www.acervodalaje.com.br)

pela fotógrafa Marcella Hausen, cujo objetivo era estudar a saúde mental infantil e prevenir situações de violência no aqui-e-agora e nos momentos de transição desenvolvimental através da beleza.

Começamos, então, a investigar beleza e memória. Por que a periferia não pode se deter sobre beleza e memória? Por que essas categorias foram tiradas de nós? A partir de um curso de fotografia com perspectiva forçada, essas crianças e adolescentes começaram a entender e a contar suas histórias com esses registros. Fotografando o território, as paisagens e aquilo que se conta daqui ou que se observa aqui: conchas, plantas, casas, vazios, vazios construídos — segundo se diz no campo da arquitetura —, resquícios da memória dos tijolos, das olarias antigas nas ruas em que passavam rios.

A partir do processo fotográfico, memórias novas foram criadas e o território, que antes não tinha essa categoria como elemento forte da sua construção, passou a tê-la. Na verdade, essa foi uma iniciativa também para prevenir violência e transições disruptivas na travessia da infância para a adolescência. Os questionamentos que sugerimos aos alunos foram: “Qual a memória que você tem da sua rua?”, “Qual a memória que você tem da sua casa?”, dentre outros. Boa parte das crianças, dos adolescentes e dos jovens não tinha memória. Por esse motivo, considero que *A beleza do subúrbio* possibilitou a emergência, a reflexão sobre essas categorias, provocando novas fricções no território, sem considerar o território como algo concretizado, mas como algo construído inclusive através da fotografia e da memória.

Além disso, outros olhares sobre o território foram revelados. É importante registrar que muito da periferia se esgota, tem um caráter efêmero, há muita destruição de suas materialidades, casas, paisagens e monumentos, além da memória dos mais velhos ser sempre perdida quando um deles falece. A fotografia, então, é um meio de registrar e de provocar novas leituras. As crianças, os adolescentes e os jovens tiveram a oportunidade de escolher as fotos que compunham a narrativa que eles queriam para o seu território. Ha fotos geniais que expressam o olhar da criança, o olhar do jovem. Logo, publicar essas fotografias no site, após nove anos da realização da exposição temporária, foi uma grande conquista, que trouxe algumas surpresas irônicas.

Por exemplo, o trem retratado em uma das imagens já não existe. Essa revelação se deu justamente quando, atualmente, há um forte processo de gentrificação no Subúrbio Ferroviário de Salvador. De igual modo, um monotrilho elevado vai ofuscar toda a paisagem, sem nenhum entendimento com as comunidades e esse movimento já começa com a destruição das estações ferroviárias e o modal mais que centenário que atravessa a região e a nomeia. A presença das águas também é muito evidente, indicando os impactos ambientais que podem ser provocados. A fotografia é revolucionária

nesse sentido, porque ela documenta, mas também expõe os não ditos, como as disputas no território. A fotografia, então, é um potente elemento de criação de uma memória de resistência.

Por fim, registro que tivemos a oportunidade de levar essa exposição, *A beleza do subúrbio*, para o espaço da antiga Fábrica de Tecidos São Braz — em que há também um trabalho da Maria Elena Castore — uma fábrica que foi gigantesca, mas que hoje é um local abandonado aqui no território<sup>2</sup>.

### 3. Acervo da Laje

Na galeria virtual do site Acervo da Laje há uma coleção do fotógrafo italiano Marco Illuminati. Considero que essa coleção foi um grande presente que a cidade de Salvador ganhou. O fotógrafo trabalhou conosco no surgimento do Acervo da Laje, desenvolvendo o projeto “A arte invisível dos trabalhadores da beleza nas periferias de Salvador” entre 2009 e 2011. Ele, que agora reside em Paris, doou para a ACAL mais de 15 mil fotografias, em alta resolução. São memórias desses anos nos quais fotografamos juntos. Registre-se que refuto o movimento colonialista de pesquisadores que se dirigem ao território suburbano, empreendem suas pesquisas, mas que não devolvem ao território.

Das séries de fotografias realizadas, destaco *Cadê a bonita?*, que registra a beleza das mulheres do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Tivemos a oportunidade de fotografar tanto as ruínas, como os artistas e as artistas da região. Reforço que esse trabalho é muito importante para nós, pois ele representa o início do Acervo da Laje como espaço de pesquisa e de documentação do território. Marco Illuminati revelou o subúrbio através de suas potencialidades, de suas belezas, de olhares que viam essa luz, essa potencialidade e essa dinâmica de vida. Essas fotografias são muito emblemáticas de um tempo, de um território em construção, mas também de ancestralidade aqui presente, de terreiros que foram destruídos por conta de processos de gentrificação, de processos de compra de outros terrenos, mas mostra também artistas e dinâmicas que precisavam ser contadas para evitar a narrativa única sobre o território. Registrar essas pessoas foi muito importante.

Durante muito tempo, a definição que se tinha do território era de violência e vulnerabilidade. Tanto *A beleza do subúrbio*, quanto *A arte invisível dos trabalhadores* expõem outro olhar da região para o mundo. O objetivo de ter essas fotografias expostas na página eletrônica é, portanto, estimular diálogos e olhares, afirmando que nós, os que estamos imersos nesse contexto, também podemos fazer nossas cartografias subjetivas, nossas

2 [https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/dissertacao\\_final\\_m.elena\\_castore\\_11mb.pdf](https://ppgau.ufba.br/sites/ppgau.ufba.br/files/dissertacao_final_m.elena_castore_11mb.pdf)

cartografias do afeto, para não deixar que as molduras do abandono digam quais narrativas se deseja impor sobre esse território. Por isso que mostrar os fazeres daquele subúrbio ferroviário, sua geografia, sua dinâmica, seu modo de fazer cidade foi muito importante nesse projeto *A arte invisível dos trabalhadores*. Trazer à tona essas fotografias faz emergir novos diálogos com as outras pessoas.

Optei por citar essas dinâmicas, pois a cidade é feita por nós. A cidade é feita onde nós estamos, então, rever esse trabalho disponibilizado eletronicamente traz para mim e para todos os que nele trabalharam, especialmente nos últimos meses, a possibilidade de se perceber no mundo da história, de se inserir nas discussões sobre a cidade, de tomar partido das discussões sobre a cidade, refletindo acerca do modo como se pensam e se realizam as ações dentro da cidade. Além disso, consiste em pensar a periferia como um espaço que precisa ser ouvido. Nós, da periferia, precisamos ser ouvidos!

A dinâmica colonialista já não tem mais lugar e nossas fotografias expressam isso. Pode-se destacar outra importância do projeto: revelar o que os artistas estão trazendo desse território. Camila Souza, com *Janelas da favela*, integra essa galeria. Suas fotografias estão expostas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), na exposição “A memória é uma invenção”, a qual considero um dos trabalhos mais bonitos sobre a periferia de Salvador, envolvendo, justamente, as janelas da favela da cidade. Camila Souza traduz, por meio do território e da beleza, a essência do subúrbio. Há uma entrevista dela — e de outras artistas — no canal do YouTube do Acervo da Laje<sup>3</sup>.

Essa série é uma das mais geniais porque mostra permanências, mudanças, provocações e a relação com a ancestralidade. Acerca da importância que dedico à fotografia, relato uma experiência que vivi ao cursar doutorado em saúde pública, quando me ative às repercussões do homicídio entre jovens. Uma jovem da região havia sido assassinada e sua mãe não tinha uma foto da filha. A invisibilidade traz esses danos, traz essa anomia diante da vida. Quanto mais pudermos fotografar, registrar e incentivar os artistas e os fotógrafos a fazerem o mesmo, vamos construindo uma memória sobre o território.

Todas essas ações que mencionei são importantes porque trazem outro olhar sobre o território periférico. Periferia é cidade. Tem outra dinâmica, mas é cidade. Salvador é muito colonial. Quando nos dirigimos para o “centro” da cidade, nós, soteropolitanos, dizemos que vamos para a “cidade”,

3 <https://www.youtube.com/c/OcupaLajes>

como se aqui não fosse a cidade. Na ACAL buscamos romper todos esses paradigmas e essas dinâmicas.

Além dos já citados, há o trabalho de Daniele Rodrigues. Daniele Rodrigues tem três ou quatro fotos que são muito importantes para o Acervo da Laje porque mostram o conjunto habitacional Guerreira Zeferina, que anteriormente era a cidade de plásticos, destruída e substituída por um projeto da Prefeitura de Salvador, em 2019, que gentrificou aquela comunidade. “Retratos da fé” é uma foto genial. Precisamos aprender a amar o nosso território e a fazer acontecer esse território. A imagem é muito importante nesse processo, pois, a imagem é uma obra de arte sobre território, sobre a periferia, além de ter uma pulsão de vida que pode quebrar os estereótipos que existem sobre o território.

Por último, menciono a obra de Prentice, que está nos azulejos. Uma das coisas que o Acervo da Laje priorizou foi trazer nossos nomes escritos com arte, nome dos bairros da gente. Por que estou dizendo isso? Porque durante muito tempo a periferia não tinha nome, os nomes sempre vinham de fora da favela, então, agora nós queremos nominar. Prentice fez 81 anos no dia 3 de agosto de 2021, azulejista da Ribeira, artista plástico genial. Ele está há 60 anos fazendo azulejo e muitas das casas no território tinham esses azulejos como marcação de beleza, como identidade, como territorialidade. O Acervo da Laje pretende falar de memória, de resistência, mas também de arte e de cultura. A periferia pode falar de arte, pode falar de memória, pode falar de hemeroteca, pode falar de cultura. Prentice colocou todos os nossos sonhos em azulejos.

Plataforma, Lobato, são bairros que precisavam ser demarcados como exemplos de arquitetura, urbanismo, autoconstrução e história da cidade insurgente, da periferia insurgente. Questionar a estética do nosso trabalho e a essência da beleza tem sido importante ao longo desses anos. Em Salvador, existiu um projeto que previa que cada prédio construído deveria ter uma obra de arte. Defendo que cada intervenção do governo municipal e do governo estadual nas periferias seja embelezada com uma obra de arte. Nos cansamos de ver obras só em cimento, que não dizem nada, que não transbordam nossa territorialidade e que não expressam as circunstâncias vivenciadas. Além de povoar a periferia de obras, de melhorias, de estrutura, deve-se dotá-la de arte, porque as pessoas precisam respirar arte. A cidade também é feita de arte. A periferia também é feita de arte.

#### **4. Memórias perdidas**

Nosso objetivo, até aqui, foi demonstrar os nossos modos de enfrentamento. Trata-se de um enfrentamento, de uma resistência, mas envolve beleza,

leveza e esperança, principalmente de que o que estamos fazendo irá reverberar. Irão reverberar estudos, exposições e, quem sabe, se propagar nesse mundo cibernético. Agora passo a falar do documentário *Memórias perdidas*<sup>4</sup>, lançado no dia primeiro de agosto deste ano, uma produção da Aiocá produções, da Sabrina Andrade e do Wendel Medina. Esse documentário sintetiza muito bem a proposta do Acervo da Laje, porque ele também explora a memória do Subúrbio Ferroviário de Salvador.

*Memórias perdidas* expõe muito apropriadamente nossas preocupações enquanto território: o Parque São Bartolomeu, na iminência de ser privatizado; o trem do subúrbio, que em breve irá se transformar em um monotrilho — já estão tirando dos trilhos a memória das águas suburbanas. Essa é a cidade que nos interessa: a beleza desse território que aí está, o subúrbio ferroviário tão estigmatizado. Interessa-nos, ainda, estimular o diálogo a partir de um outro olhar sobre o território periférico, sobre a periferia, por isso comentários de fora também são muito bem-vindos e colaboram para a construção da narrativa característica da linguagem visual cinematográfica.

Nesse filme, a beleza traz consigo o conflito. Em minha tese de doutorado, intitulada “Cuidado com o vão: repercussões do homicídio entre jovens de periferia”<sup>5</sup>, me propus a estudar o homicídio de jovens. Entre 2010 e 2014 não havia toda essa comoção que hoje se vivencia diante da violência que acomete os jovens da periferia. A beleza do Acervo da Laje não é uma beleza pacífica, é uma beleza de muita elaboração. O professor Gey Espinheira, durante a defesa me diz que ouviu de um morador que ele morava nesse território “tão lindo, que essa era uma terra bonita e cara para gente barata”.

Nossos corpos eram vistos como corpos baratos, como gente barata. Logo, a provocação para apreciar a arte, para identificar que a beleza da periferia de Salvador emerge a partir dessa frase. Defendi a mencionada tese, acerca do homicídio dos jovens, das meninas, em uma época em que esse assunto ainda não era muito discutido no Brasil. Tema que envolve a etnografia da favela à noite, o jovem como perpetrador e vítima da violência na periferia, as fronteiras simbólicas da marginalização, a marginalidade como outra vida, as repercussões do homicídio entre jovens, nos jovens e nas famílias, nas mães, na periferia e nos projetos sociais. Essa beleza que nasce da dor é refletida pelo museu-casa-escola, justamente para tirar o nosso corpo das formatações centralizadoras, europeias e colonialistas que entendem o museu como um lugar impenetrável, que pensam a escola como um lugar

4 Por conta das participações em festivais, o documentário não está disponível.

5 <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27090>



panóptico e que colocam a casa como lugar do impenetrável. Quebramos todos esses paradigmas no Acervo da Laje.

A respeito dos eventos e das visitas das escolas — quando permitido —, a perspectiva dialógica com as instituições sempre foi a base da nossa concepção. De igual modo, as parcerias empreendidas levam em conta a dialogicidade, porque há uma concepção museológica e de arte na essência do Acervo da Laje. Trabalhamos com o conceito de invisibilidade e é isso que buscamos trazer à tona. Exemplifico com a parceria firmada com o MAM Rio. Esse museu recentemente passou por um processo maravilhoso de transformação com Keyna Eleison, diretora artística da instituição, que esteve no Acervo da Laje por duas vezes, assim como Pablo Lafuente. Ela conhece e valoriza a nossa poética, por esse motivo, sua curadoria tem sido dialógica e muito cuidadosa. Nós, pretos, periféricos, precisamos ocupar esses espaços e mostrar ao mundo a nossa cultura.

Por um lado, o site levou o Acervo da Laje para o mundo, mas há todo um processo: houve uma seleção das obras, com o apoio de museólogas do Rio de Janeiro e das que estão trabalhando aqui em Salvador; Fabrício e Vilma atuam como coprodutores; e eu estabeleço vínculos com os artistas, pela cidade. Note-se o processo da invisibilidade: um artista, morador de rua, se perdeu na cidade. Não sabíamos seu paradeiro. Mais que procurar esse corpo, trata-se de uma busca por essa poética perdida. Poderia mencionar outros casos, como o de César Bahia, artista em extrema pobreza; o de Emílio, atualmente residente em um asilo; o de Eckenberger, que faleceu, infelizmente. Vê-se a dificuldade que é lidar com arte e cultura no Brasil. Mesmo assim, esses corpos, essas poéticas, não podem ser esquecidos.

## **5. Relicário de memórias e parceria com o MAM Rio**

Menciono, ainda, outro projeto, o *Relicário de memórias*<sup>6</sup>, de um estudante de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (UFBA) chamado Lucas Ribeiro, que realizou um documentário junto com Ailla Melo, com os relatos sobre a extinção do trem, ação empreendida sem que fosse ouvida a opinião da população, e, posteriormente, o transformou em história em quadrinhos (HQs). Esse tipo de iniciativa é muito potente dentro da cidade. Por meio dos editais públicos de cultura, temos atravessado fronteiras intransponíveis para o museu-casa-escola na periferia. Ocupamos os editais da Prefeitura da Cidade de Salvador, do Governo do Estado da Bahia e até mesmo seleções internacionais como a do Goethe Institut.

6 Instagram: @relicariodememorias

Mais recentemente, essa parceria com o MAM Rio na exposição “A memória é uma invenção” tem se mostrado espetacular. A periferia não vai ficar mais aquém desse enfrentamento. Reitero que a beleza, para nós, é uma forma de enfrentamento porque coloca as nossas poéticas em diálogo. Somos um museu da periferia, mas merecemos respeito como qualquer outro museu do mundo. A periferia não é mais que integrante desse processo de deslocamento dentro da cidade. A beleza também precisa habitar a periferia. Quando uma obra de arte chega à periferia, há nisso uma revolução! Em breve será possível constatar o que estou dizendo, no MAM do Rio, em uma exposição que está sendo preparada, contemplando artistas invisibilizados, invisibilizadas, dos quais nasce a verdadeira revolução.

Quando um morador ou um turista vem visitar o museu na periferia, isso gera renda, como se sabe. Há quebra de estereótipos e de preconceitos. Além disso, há outra questão: a dinâmica de andar na cidade. Em 2014, participamos da Bienal da Bahia e nosso espaço foi um dos mais visitados. Também estivemos presentes na 31ª Bienal de São Paulo. Concluindo, a curadoria para nós é um processo de assombro, onde esse corpo negro, que não parece um doutor, que não está integralmente na academia — semelhante ao que aconteceu ao Hélio Oiticica que levou a escola de samba Mangueira para o MAM Rio, mas, ele mesmo, foi impedido de entrar — reclama seu espaço.

Com essa bandeira, o Acervo da Laje chegou ao MAM Rio. Precisamos ocupar esses espaços para dar esperança aos meninos e meninas negros. Se alguém se dirige às periferias para fazer pesquisas, para fazer intervenção, para trabalhar, precisa estar disposto a receber uma devolutiva porque nós, da periferia, não somos gente barata para terra cara. Nós somos mais caros do que a terra que a gente habita e precisamos mostrar isso para o mundo! Outro ponto: arte é água que ninguém prende. O que vocês puderem fazer de Arquitetura e Urbanismo que esteja relacionado com arte, façam! Retomem esses diálogos, porque senão vão surgir coisas muito feias, não é mesmo? Já se falou do Borba Gato, já se falou de algumas obras de Brasília... podem surgir obras muito feias, que não refletem a nossa estética. A nossa estética tem sido essa: uma cozinha cheia de peixe, um balcão cheio de azulejos de pesquisas realizadas. Isso, e habitar, que não se reduz apenas ao nosso corpo, mas a uma determinada sensibilidade. Respeitem essa sensibilidade e respeitem esse modo de fazer. Considero que a curadoria com o MAM Rio tem sido isto: um processo de respeito, em continuidade ao que vem sendo adquirido nos últimos 12 anos. Definitivamente, não nos nivelamos por baixo. Ninguém vai nivelar mais a periferia do mesmo jeito. Eu acho que isso chega aos governantes, às secretarias, aos agentes internacionais e vai chegar, porque podemos falar!

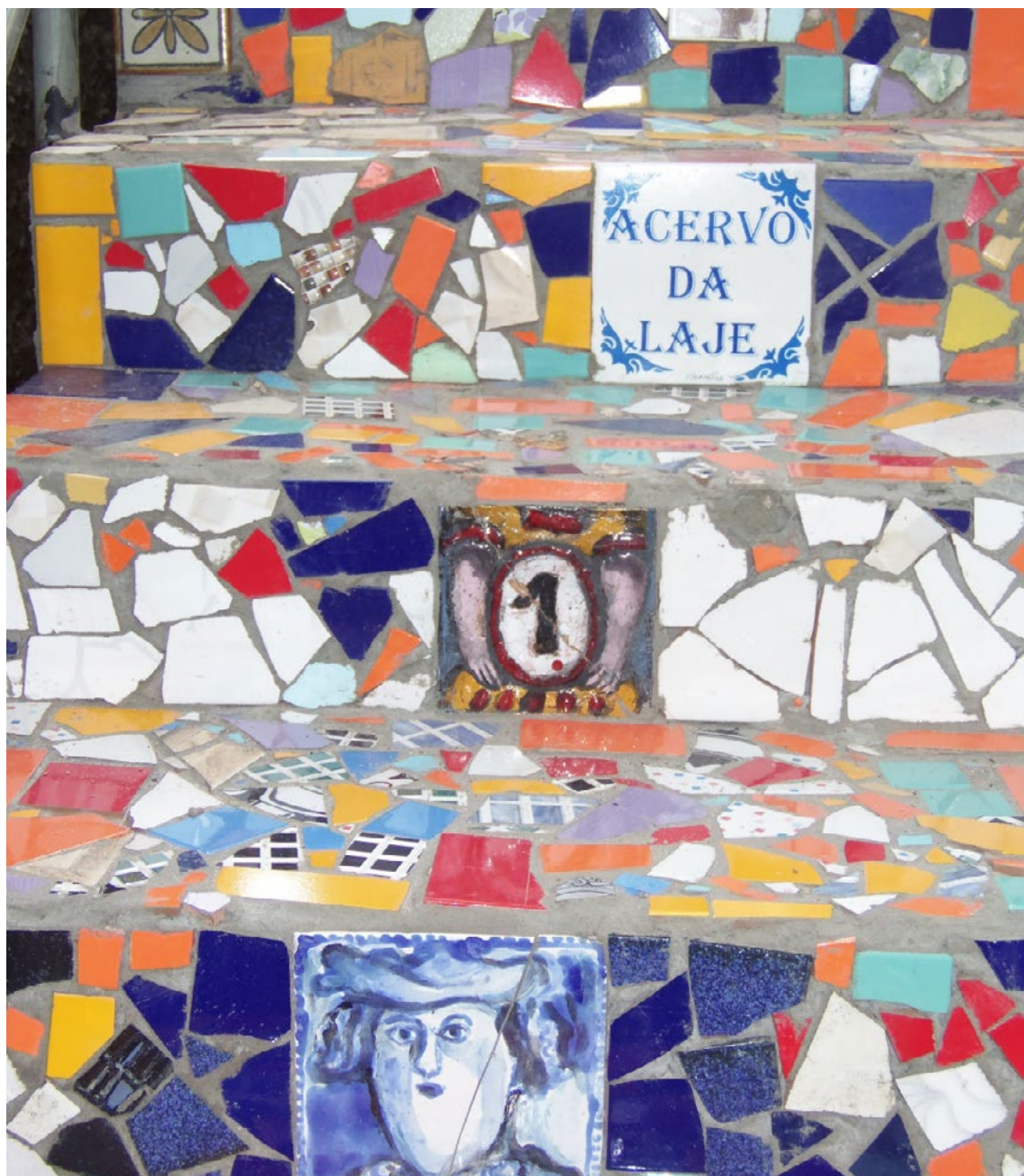
## 6. Sobre a casa e sobre memória

A casa onde atualmente funciona o Acervo da Laje foi projetada por um arquiteto e por uma arquiteta, Federico Calabrese e Ana Carolina Bierrenbach, tendo como referência a produção da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi (Roma 1914 — São Paulo 1992), que concebeu e foi a primeira diretora do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-Bahia), entre 1959 e 1963. Dona Lina, uma mulher que respeitou muito a Bahia, foi representada nos azulejos, nas conchas que compõem as escadas e em tantos outros materiais. Fomos em busca de azulejo, de ladrilho hidráulico, de vidro, de cerâmicas dos séculos XVII, XVIII e XIX, vindos da praia, resgatados do mar.

O MAM Bahia surgiu com exposições de cultura popular e isso é genial. Inspirado nessa estética, o Acervo da Laje não pode ser considerado um museu de pobre para pobre. Ele precisa ser equiparado a um Solar do Unhão, de Dona Lina, que faz parte de um conjunto arquitetônico preservado na orla de Salvador e poderia ter sido demolido com a construção da Avenida de Contorno, mas hoje abriga o Museu de Arte Moderna da Bahia e antes seria o museu de arte popular, porque é oriundo, dentre outras, da perspectiva de que o periférico, o popular, é vanguarda. Destaco o aspecto presente de que a arquiteta coletou pequenas pedras do mar, vitrilhos, conchas e pequenos fragmentos que estão no chão das intervenções, ligando a memória ao presente. Valorizo sobremaneira essa provocação. Precisamos nos voltar mais para o nosso chão. Dona Lina, enquanto dirigiu o MAM Bahia e o Solar do Unhão, respeitou e criou com respeito à cultura local. A escada monumental do MAM Bahia, assim como o espaço Coaty (na Ladeira da Misericórdia), nascem desse respeito. Na parte da frente da construção, há bastantes árvores, isso porque não é possível conceber uma cidade como Salvador sem árvores. Gostaria que este texto chegasse ao alcance de todos os arquitetos e de todos os governantes. Salvador é uma cidade de planta, é uma cidade rica em ervas medicinais. Essa dialógica e esse dom têm que estar nos processos de intervenção urbana nas cidades e nas suas periferias. Defendo e estímulo que esses diálogos artísticos aconteçam.

Optamos por revestir as duas escadas externas com azulejos de séculos passados, encontrados aqui mesmo em Salvador e em outros lugares visando, com isso, contar a história da cidade também por meio das paredes dessa casa. Quem sabe ler uma parede, sabe ler um território. Isso é educativo para os moradores daqui, além de servir de inspiração. Quando eles veem os recursos utilizados, eles se admiram e querem fazer igual em suas próprias casas: revestir um banheiro com azulejos antigos, por exemplo. Em outras palavras, não estamos lidando com *kitsch*, estamos lidando com a elaboração das nossas poéticas, silenciadas peremptoriamente. Esse processo de

autorrevelação traz à tona o que de tão relevante se tem para mostrar e por isso diálogos como este são tão necessários.



**Imagem 1** – escada do Acervo da Laje. Fonte: acervo privado.

A respeito do que me refiro no documentário *Memórias Perdidas* como “molduras do esquecimento”, em todo o trabalho fotográfico realizado, as crianças e as mulheres participantes foram ouvidas. Essa é minha concepção de história: história o tempo todo, inclusive com este registro. A organização



do site do Acervo da Laje, com sua galeria de artistas, não deixa de ser história. No documentário isso ficou muito evidente nas andanças pelo território. Há uma síntese do conhecimento adquirido a partir do que se escuta das rezadeiras, das mulheres mais velhas e cuidadoras. Com isso, os que vêm depois sabem diferenciar uma planta medicinal de uma planta venenosa, sabem recomendar o melhor peixe e a melhor hora de mariscar. Esses saberes não acadêmicos integram nossa memória.

O Parque São Bartolomeu, na cidade de Salvador, no estado da Bahia, considerado um sítio sagrado, foi tombado por sua importância cultural. Nele há belas cachoeiras e ali viveu a primeira chefe de Quilombo, Zeferina, no século XIX, a guerreira Zeferina. Hoje abandonado, o lugar costumava ser um lugar de peregrinação religiosa do candomblé, antes de ser dominado pela violência. No dia da gravação do documentário, inclusive, a produção foi alertada a agir cautelosamente nesse local. Obviamente, isso não me assustou. Respondi: “Calma, eu nasci aqui, meu corpo faz parte desse lugar e se eu for embora, eu vou continuar habitando nele para sempre”. Em algumas das cenas do documentário eu desapareço no meio do mato. Brinquei, certa ocasião: “Olha, essa é a cena do fim da minha vida, eu quero sumir no meio do mato assim, porque é para povoar”.

Falando sobre a minha origem e das reminiscências infantis, meu pai era vendedor de banana. Ele cresceu nessa região. Sempre ouvi meu pai falando daquele território, que me pertence e essa oralidade está incrustada em mim. Valorizo as narrativas e, por isso, tenho o hábito de trazer comigo um bloco de anotações em que registro muito do que ouço e vivencio. Em geral, o que as pessoas nos contam, se esvai. Assim, a hemeroteca da ACAL visa cumprir essa função de preservar as narrativas. Ela reúne recortes de jornais sobre temáticas diversas, mas as que mais se destacam são as temáticas relacionadas ao Subúrbio Ferroviário de Salvador (SFS). Alguns profissionais da área da museologia me fazem perguntas e costumo responder a partir do que tenho na memória. De fato, a oralidade é muito importante. Não se deve realizar um projeto de intervenção urbanística sem ouvir as mulheres do território. São elas que conhecem e “palmilharam” a região, para usar um verbo drummondiano. Considero que as mulheres palmilharam cada pedaço do que foi constituído como territorialidade.

Dona Coleta Omolú, por exemplo, foi “uma cantora descendente de escravos que viajou o mundo cantando para pessoas ilustres, como reis e rainhas”<sup>7</sup>. Era amiga da cantora Clementina de Jesus, do compositor Cartola,

7 <https://farol363.wordpress.com/tag/dona-coleta-de-omolu/>

do produtor musical Hermínio Bello de Carvalho, mas morava aqui no bairro do São João do Cabrito e tinha uma rede de afilhados e de afilhadas nessa localidade. Não posso falar do território sem mencioná-la, principalmente considerando que os registros fotográficos que atestavam sua notoriedade se perderam após sua morte.

Algo que acontece muito com as obras dos artistas invisíveis. Apesar de todo talento que possuía, a cantora nunca teve seu canto gravado. Infelizmente, não há registros desse produto nacional que os seus contemporâneos não conheceram. E não conhecerão. É estranho e doloroso pensar que é como se ela não tivesse existido. Um patrimônio que estava logo ali ao lado e nós não vimos. (CONCEIÇÃO, s. d., n. p.).<sup>8</sup>

## 7. Considerações finais

Manter um museu, produzir um filme, divulgar uma história em quadinhos, em um momento de retrocesso político como o que estamos vivendo, são verdadeiros gestos de resistência cuja potência é inimaginável. Por meio deles, derruba-se o autoritarismo, o conservadorismo e, quem sabe, até um presidente. A arte é um ato simbólico, digamos assim, para apresentar novas formas e novas trincheiras de enfrentamento. A arte consegue capitalizar essas trincheiras de enfrentamento, que são trincheiras importantes para vivermos, para respirarmos e para termos saúde mental neste momento. Percebo que há uma intenção de associar periferia à violência, mas, particularmente, não aceito essa narrativa e sigo defendendo que periferia é beleza, é memória, é luta, é elaboração.

No início da construção do site Acervo da Laje, foi muito difícil encontrar artistas mulheres, já que muitas delas são consideradas artesãs. Mila Souza e Daniele Rodrigues, duas fotojornalistas há muito tempo, não se consideravam artistas. Com frequência, há um selo externo, masculino, que dita quem é artista e quem não é. Em nossa página na internet, a quantidade de mulheres artistas é maior do que a de artistas homens. Observo que as mulheres são naturalmente inclinadas à arte. As jovens arquitetas quando fazem um *card* o fazem com arte! Nas redes sociais do Acervo da Laje, os cards da Carol Souza, da Milena, enfim, de todas as meninas são deslumbrantes. Isso é arte, no entanto, ainda há uma invisibilidade e uma negação do fazer artístico, como se ele necessariamente estivesse ligado aos cânones, digamos assim.

8 Disponível em: <https://farol363.wordpress.com/tag/dona-coleta-de-omolu/>. Acesso em 08 dez. 2021.

Em 2013, Leandro Souza fez um documentário *A beleza invisível*<sup>9</sup> e teve a participação de Ivana Magalhães, que faz potinhoterapia. Ela, pedagoga, tinha dificuldade de se aceitar como artista, porque são muitas camadas de invisibilidade que englobam o feminino na arte e na periferia. Então, o objetivo principal do site Acervo da Laje é, desde a sua origem, colocar essas pessoas em seu lugar devido, lugar onde elas pudessem se ver. A oralidade também propicia projetos, como, por exemplo, a conversa com as artistas, considerando que o Acervo da Laje cuida da materialidade da obra artística, mas o artista também precisa ter resguardado o seu lugar de fala. O contrário disso é seguir a lógica dos grandes museus, que enaltecem alguns artistas e se esquecem da maioria, criando uma linhagem “que não respeita a diversidade”.

Outro ponto que gostaria de destacar: muitas vezes as pessoas não têm condições, pois não lhes é dada. Muitas mulheres desistem da carreira artística porque precisam se empenhar em ganhar dinheiro e manter o seu sustento e o da sua família, o que as leva a trabalhar em outras funções e a abandonar a poética em construção. Tal precarização do trabalho artístico é indiscutível, o que nos leva à reflexão sobre o conceito de curadoria de si. Precisamos aprender a cuidar das curadorias de si. Buscamos desenvolver o dom e a técnica de cada artista e de cada pessoa que chega à ACAL, partindo sempre dessa curadoria de si.

A história nasce daqui também. A história brasileira, especialmente no século XIX, é repleta de esquecimentos das vozes negras, indígenas e femininas. Não havia a preocupação de recolher os relatos orais. As pessoas não foram ouvidas. A história brasileira foi construída a partir de uma perspectiva europeia. Esse é um debate importante para se entender o que virou cânone e o que foi silenciado; o que foi exaltado, como o Borba Gato e tantos outros, e o que foi esquecido. Houve um processo de seletividade europeia na constituição daquilo que se chama de história brasileira, contada pelos vencedores, por “pessoas que detinham condições econômicas”. A história não foi feita por José Eduardo e seu pai — já que eu sequer sei quem foi meu avô. A história, inclusive a história da cidade, foi contada por quem queimou os documentos do período pós-abolição. Essa discussão nos leva a entender quem — e sob qual perspectiva — fala sobre a cidade.

O geógrafo e pensador Milton Santos andava na periferia na década de 1960 para entender Salvador, especialmente para entender o centro de Salvador. Ele costumava levar seus alunos e suas alunas para andar na

9 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zNUpMRpoiTY>

periferia retratada no documentário *Memórias Perdidas*, que comentei anteriormente. Para entender uma cidade, é preciso entender também a sua periferia, o que é conversado nos bares, nos mercados de peixe, nos pontos de ônibus. Quem tem carro tem um mundo culturalmente organizado, que é diferente do mundo de quem anda de ônibus. Quem mora em um apartamento tem um mundo culturalmente organizado, diferente do mundo de quem mora em uma periferia, em que uma casa é colada com a outra: se o vizinho “bater uma laje”, molha a casa do outro morador; os jovens “sem ocupação” jogam bola em frente às casas onde moram, incomodando a alguns. Todas essas negociações feitas precisam ser levadas em conta para se entender a dinâmica da cidade.

Em 2015, propusemos uma discussão acerca do boletim baiano de geografia que versa sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador em 1965. Tive acesso a esse documento por meio da professora Maria Auxiliadora da Silva, que trabalha com Geografia Urbana na Universidade Federal da Bahia. O evento comemorativo dos cinquenta anos dessa produção nos levou a andar pelo subúrbio, de trem, de barco; visitando os empreendimentos que haviam sido tomados, os lugares de memória tomados pelas grandes empreiteiras, após conseguirem alvarás municipais, estaduais e federais com uma agilidade inacreditável, considerando que esses processos costumam demorar anos. Repentinamente, o subúrbio novamente está se tornando uma terra cara para gente cara. Todos esses pontos que mencionei são extremamente relevantes. Precisamos, urgentemente, estar atentos a eles.



---

### Como referenciar

SANTOS, José Eduardo Ferreira. O Acervo da Laje e as periferias insurgentes. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, Fevereiro 2021, pp. 20-36. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>.

---

DOI: <https://www.doi.org/10.12957/arcosdesign.2021.66281>

---



A revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.

Recebido em 24/11/2021 | Aceito em 17/12/2021